



ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS

JORNAL DA CIDADE

ARACAJU, DOMINGO 30/6 E SEGUNDA-FEIRA 1º DE JULHO DE 2013

Num período em que a população invade as ruas para pedir mais investimentos em saúde, entre outras reivindicações, e diariamente se tem notícias da má estrutura de hospitais em todo país, o Dia do Hospital, celebrado em 2 de julho, não se configura como um dia de festa, mas sim de mais protesto. Em Sergipe, o Hospital de Urgência de Sergipe (Huse), cuja média mensal é de 15 mil atendimentos, o diagnóstico é de complexa e contraditória exposição, uma vez que, ao tempo em que é um dos hospitais de referência no Nordeste, tornando-se a 18ª unidade hospitalar do Brasil a integrar o programa S.O.S Emergências, é também alvo do Ministério Público Estadual que, na semana passada, pediu ao poder judiciário a intervenção judicial fiscalizatória da unidade por conta da constatação de irregularidades que vão desde a superlotação em vários setores ao armazenamento inadequado de documentos.

Associando a superlotação do Huse à cultura popular de acreditar que nele se resolverá a respectiva enfermidade, o diretor geral da Fundação Hospitalar de Saúde (FHS), Marcelo Vieira, afirma que o governo tem trabalhado para 'desafogar' a unidade de alta complexidade a partir da estruturação da rede no interior do Estado.

"As pessoas visualizam o Huse como um espaço de resolutividade. Isso já se tornou informação absorvida pela população. A gente precisa fazer com que as pessoas acreditem que a solução delas passam em algum momento pelo Huse, porém passam por outras portas de entrada na rede. E estamos cada vez mais fortalecendo isso e esse processo de estruturação da rede no interior ajuda. O número de transferência da rede hospitalar é muito baixa. Isso prova de que estamos no caminho certo. Diferentemente do que tem dito muitas pesso-

as de que devemos adensar ainda mais o Huse, como sendo o caminho da resolutividade. Muito pelo contrário, o caminho é a descentralização, é transformar outros espaços em referência", destaca.

Sem retaguarda

De acordo com o presidente do Sindicato dos Médicos de Sergipe (Sindimed), João Augusto dos Santos, o Huse é o único hospital público de porta aberta do estado, atendendo aos 75 municípios sergipanos. "O problema do Huse é a ausência dos outros hospitais, porque lá tem a equipe de profissionais, são os mais capacitados que existem no estado. Se não tivesse essa demanda toda, até que talvez desse para ter a quantidade de material de trabalho suficiente para atender. A questão é que ele atende a todos os municípios de Sergipe. Até a capital não tem outro hospital, é a única capital do país que só tem um hospital porta aberta pública. Pelo conceito da teoria até o estado só tem um hospital público que realmente funciona, porque no Huse chegou, resolve, o que for possível resolver. Já cobramos e já foi divulgado que Aracaju precisa de um hospital de porta aberta pública e o Estado não precisa construir mais hospital nenhum, precisa colocar os que existem para funcionar", declara.

Além do Huse, a rede pública de Saúde em Sergipe conta com seis hospitais regionais, localizados nos municípios de Nossa Senhora do Socorro, Nossa Senhora da Glória, Propriá, Itabaiana, Lagarto e Estância; uma maternidade em Capela; e a Maternidade Nossa Senhora de

DIA DO HOSPITAL
Superlotação e ingerência marcam o João Alves



Lourdes na capital sergipana. Segundo a Secretária de Estado da saúde (SES), cada hospital regional possui serviços, leitos e equipamentos padrões para atendimento em clínica médica, cirurgia geral e ortopedia. Algumas delas contam até com maternidade, a exemplo de Propriá e Nossa Senhora da Glória, e Unidade de Terapia Intensiva (UTI), que é o caso da cidade de Lagarto.

Porém, em contraponto à estrutura física apontada pelo governo, o presidente do Sindimed, João Augusto dos Santos, afirma que, tecnicamente, os hospitais regionais são verdadeiras unidades de saúde. “Na rede hospitalar em Sergipe, infelizmente, o que a gente observa é que muitos somente recebem o nome de hospital, mas não são hospitais. Atualmente, o que a gente considera tecnicamente como hospital é o Huse. Lagarto, Estância, Itabaiana, Socorro e Glória poderiam ser hospitais em funcionamento, mas não estão com seus serviços ofertados diretamente à população.

E então muitos acabam indo para o Huse. Com algumas adequações poderiam funcionar como hospitais de uma complexidade boa, entretanto o funcionamento não tem aparelhagem, nem equipe de recursos humanos e então está subutilizado e acaba todo mundo se dirigindo à capital para depois ser relocado, por isso que existe o grande caos no Huse”, declara.

Reconhecendo a necessidade de ajustes para que a rede pública de saúde atenda com excelência a demanda da população, o diretor da FHS, Marcelo Vieira, aponta a estrutura hospitalar da unidade de Lagarto e destaca os investimentos na ampliação dos hospitais

de Itabaiana e Estância. “No Hospital Regional Monsenhor João Batista de Carvalho Daltro, em Lagarto, temos escala sete dias por semana, 24h por dia, em Ortopedia, Clínica Médica e Cirúrgica, leitos de Pediatria separados do leito adulto, classificação de risco, área verde, azul, vermelha, amarela, leitos de UTI, funcionando com oferta integral. Ou seja é um hospital com grau de resolutividade significativo, e estamos atuando para que os hospitais em Estância e Itabaiana caminhem para o nível de excelência de Lagarto. Serão criados 16 novos leitos de Enfermaria com três salas de cirurgia em Itabaiana. Em julho, estaremos abrindo 40 leitos de internamento em Estância. É um processo em construção”, ressalta.

É preciso cuidar da alma

Para a promotora de Direitos da Saúde, Euza Missano, além da preocupação com o corpo físico da rede, é necessário se pensar no que ela chama de alma dos hospitais: os profissionais que atuam diariamente para o funcionamento do sistema de atendimento ao público. “Todo o corpo de funcionários, que vai desde a pessoa que cuida da limpeza do hospital ao médico. Temos muitos problemas a serem sanados, mas essas pessoas estão lá trabalhando, com toda a dificuldade, para oferecer o atendimento à população que não tem recursos para o atendimento na rede privada. Assim, é preciso pensar não somente na questão física, mas também no recurso humano, na alma dos hospitais, que é os profissionais. No que se refere aos problemas estruturais, temos buscado, aqui em Aracaju, fazer com que as adequações nas unidades de alta complexidade sejam concretizadas com o objetivo de ofertar um serviço de excelência à população”, destaca.

▼ “O PROBLEMA DO HUSE É A AUSÊNCIA DOS OUTROS HOSPITAIS, PORQUE LÁ TEM A EQUIPE DE PROFISSIONAIS MAIS CAPACITADAS”